

AFRO-DESCENDENTES EM SEUS ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS; UMA ABORDAGEM “IMAGÉTICA”. – Eduardo Pereira Mussi (NE), Claude Lépine, Sérgio R. Cardoso (PET) – Antropologia – Ciências Sociais, Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

Diversos foram os motivos que impulsionaram a realização deste Projeto, dentre eles o fato de que no registro imagético da história brasileira “o escravo e o negro foram visto ora confinados ao exótico, ora numa visão tranquilizadora, alegórica, romântica” (KOSSOY, CARNEIRO, 2002,p.10).

Preocupações são, portanto, despertadas para com a questão da imagem do negro ao pensar que “para um grupo étnico que passou por isso durante quatrocentos anos, o que é que fica nos arquétipos formadores de imagens, de cultura?” (SANTOS, 1994, p. 32)

Proposto como uma exposição visual para incrementar a II Jornada de Consciência Negra, ocorrida em novembro de 2005, o trabalho procurou apreender por meio da fotografia, “fatias” do cotidiano de afro-descendentes da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP de Marília.

A realização desta empreitada, que se pretendeu inicialmente apenas de cunho artístico, mostrou-se, porém, proficuamente enriquecedora tanto em sua formulação quanto em seu desenvolvimento e apresentação. Ela proporcionou aos envolvidos reflexões em vários âmbitos, como o da imagem do negro, sua presença na universidade e a relação destes para com os ambientes universitários. Além disso, questões acerca de suas identidades étnicas e atuação social nortearam todo o trabalho, mostrando que este não foi somente uma simples experiência visual, mas sim um suporte provocador de reflexões sócio-culturais.

Abordar, porém, este tema pela linguagem visual requereu, sobretudo, uma percepção sensivelmente antropológica, já que, segundo Novaes

“Se para uns a imagem é um sistema muito rudimentar em relação à língua, para outros, a significação não pode esgotar a riqueza indizível da imagem. Como dizer o indizível, como tornar inteligível aquilo que é, antes de mais nada, do domínio do sensível?” (2005).

Num outro sentido, tendo em vista que valores simbólicos, percepções étnicas e espaciais fazem parte dos constructos sócio-culturais destes sujeitos, levou-se em consideração tais constructos, os entendendo como formadores tanto das identidades destes sujeitos, como de suas identidades coletivas.



negro.

Num primeiro momento, com base em levantamento visual da população afro-descendente da Faculdade, fez-se o convite a cinco deles, prezando primordialmente pelo critério de auto-afirmação étnica, além da própria aceitação em colaborar com a proposta da Exposição visual. Vale ressaltar que mesmo com o número restrito de colaboradores (como foram eles denominados durante o Projeto) buscou-se na seleção dos convidados certa heterogeneidade de alguns elementos, tais como: gênero, papel acadêmico (aluno, docente ou funcionário), curso, idade e participação em movimento

Num segundo momento, durante três meses houve contatos semanais e individuais com cada um dos cinco convidados. Deixava-se a cargo destes a escolha dos locais dos encontros a fim de se compreender em que ambientes estes se identificavam, sob dois aspectos: enquanto negros e universitários.

Nestes encontros os pesquisadores ao mesmo tempo em que instigavam um diálogo principalmente sobre questões relacionadas à temática racial, procuravam também registrar as imagens que expressassem espacialidade, identidade étnica e a relação destes elementos simbólicos com o sujeito fotografado.

A seleção das imagens deu-se conjuntamente com os fotografados, de modo que estes pudessem não só opinar sobre as imagens produzidas, mas também discutir sua relação com a auto-imagem. Entendendo-se por auto-imagem a relação imagem/sujeito fotografado, vale aqui registrar certo momento em que uma das colaboradoras expôs que, apesar de ter aceitado o convite, sentia-se incomodada ao ver-se retratada, pois sua imagem, tal como num espelho, à remetia diretamente ao histórico que tiveram os negros no passado.

Realizou-se um encontro final na etapa que antecedeu a Exposição, o qual teve como objetivo dar a oportunidade para que os diálogos promovidos individualmente entre os pesquisadores e cada um dos voluntários pudessem ser coletivizados, de modo que se fomentasse, enfim, o debate acerca da imagem no negro no espaço universitário, bem como suas percepções e participações do/no espaço acadêmico.

A Exposição intitulada “Afro-Íris” constou de três imagens de cada colaborador, e três que expusessem o encontro final. Todas foram ampliadas em papel fotográfico tamanho 20cmx30cm. Ao se fazer uma analogia com um dos símbolos da diversidade – o arco-íris – quis-se, além de outras questões, valorizar certa diversidade do meio Afro dentro da Universidade. Este símbolo, um fenômeno natural raramente visto, é tido aqui como um fenômeno também visual. E, é através da “íris fotográfica” de uma câmera que afro-descendentes são destacados nesta exposição.

É possível dizer que o projeto revelou uma re-significação dos ambientes tidos tradicionalmente como universitários, pois estes são somente apreendidos pelos sujeitos na medida em que eles vêem nestes espaços a possibilidade de aprendizagem e/ou diálogo sobre a questão étnico/racial. As imagens registram, portanto, momentos em sala de aula onde professores ensinam temas atinentes a questão racial, participação em grupo de pesquisa sobre a questão do negro, repúblicas estudantis, leitura de livros sobre África, aulas em cursinho alternativo, etc.

Em dezembro de 2005, a Exposição Afro-Íris foi consagrada com o Prêmio Xanduca de Angico na I Mostra de Filmes e Fotografias Etnográficas de Alagoas, realizado pela UFAL; e mais recentemente, em Agosto de 2006, foi exposta no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, promovido pela UFSC em Florianópolis.

Juntamente com as demais reflexões suscitadas no debate teórico sobre a questão étnico/racial, procurou-se, enfim, problematizar acerca dos espaços universitários e da construção imagética do negro, retratando esses agentes sociais pela fotografia, a qual, segundo Rosane de Andrade (2002), não é somente uma parcela da realidade apreendida, mas uma criadora de realidades em si.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia — olhares fora dentro*. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2002

NOVAES, Silvia Caiuby, O uso da imagem na antropologia. In SAMAIN, Etienne (org.) *O Fotográfico*, 2ª ed., São Paulo, Ed. Senac, Hucitec, 2005.

KOSSOY, Boris. *O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1994.

LEITE, Míriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo, Edusp, 1993.

SANTOS, Luis Carlos dos, “Etnografia: Identidades Reflexivas”, in SILVA, V. G.; SOUZA REIS, L. V.; SILVA, J. C.; *Seminário Antropologia e Seus Espelhos – A Etnografia vista pelos observados*, São Paulo, FFLCH-USP, 1994.)